

Augúrio fatídico para a Europa – Perseguições de cristãos no Médio Oriente

por Chaim Noll

A perseguição crescente dos cristãos no Oriente Médio causa na hodierna Europa pouco movimento público. Desde decênios, se aceita o processo no Líbano, nas regiões palestineses, agora no Iraque. Uma descristianização latente, menos espetacular, efetua-se também em outros países moslêmicos, p.ex. na Turquia, sem que a encontre muita atenção na mídia ocidental. Algumas organizações de direitos humanos observam esse processo com inquietação crescente. A maioria dos observadores está de acordo de que algo de sistemático seja inerente nesses processos, que a perseguição, mau trato e expulsão dos cristãos nos vários lugares do Médio Oriente se classifica no conjunto duma tentada islamização total da região.

Nesses dias, os acontecimentos no Iraque, ligados com a miséria dos refugiados, arranjam certa sensação, a qual desata reflexão também na Europa. Os relatos são horripilantes, de mais a mais deficientes e muitas vezes só oralmente transmitidos. Os limites entre boato e verdade nem sempre são ajustáveis, daí os pormenores seguintes estão sendo reproduzidos com reserva. Conhecido ao longe chegou a ser o caso do arcebispo da Igreja Caldéico-Católica Paulo Faradsh Raho. Em meados do março de 2008 era para saber que teria sido encontrado morto pelo fim do fevereiro, os seus raptos o teriam enterrado perto da cidade de Mossul, no norte do país. Em geral, a violência se deslocou ao norte iraquiano, este que durante muito tempo passou por relativamente seguro. Segundo os relatos de círculos cristãos, outros padres foram mortos nesse tempo, do modo mais cruel, p.ex., serrando os corpos vivos dos eclesiásticos em pedaços. Uma freira síriaco-ortodoxa que nesse tempo ativa na Jordânia ficou sabendo disso por fugitivos iraquianos. Uma das testemunhas descreveu como depois coletasse as partes dos cadáveres e as tivesse enterrado, o que, porém precisasse ser omitido em muitos casos, porque os restos dos matados estivessem guarnecidos com explosivos.¹

Informações de <http://www.sisterhatunefoundation.com/>. A freira síriaco-ortodoxa de cidadania alemã fundou uma organização de ajuda, “*Helfende Hände für die Armen*” [Mãos Ajudantes para os Pobres], conta 11 00 82 32 na Sparkasse Paderborn (BLZ 472 501 01).

Outros relatos tratam do fenômeno muito propalado da violação de moças cristãs, também de menores de idade. Trata-se dum ritual de humilhação, uma demonstração de privilégios histórico-islâmicos de homens sobre as “submissas”. Segundo relatos, crianças de cinco anos estão sendo violentadas. O ódio dificilmente imaginável de moslins no país ocupado por americanos cristãos visaria primeiro os ocupadores, mas dirigir-se-ia crescentemente contra cristãos indígenas, sobretudo porque na maioria dos casos pertencessem à classe média formada e fossem preferidos pelos americanos como colaboradores. A irmã Hatune transmite p.ex. o caso duma mãe de duas crianças, que trabalhava como faxineira nos americanos no Iraque, e um dia foi fuzilada ao sair da casa dos seus empregadores. Segundo informações por Thomas Krapf, um conhecedor da região que vive em Berlim, terror contra cristãos está sendo empregado também como “cobrindo planícies”, p.ex. em 2005, nas ações no bairro Dora de Bagdá, onde milícias islâmicas, em poucas noites, teriam “*abgefackelt*” [desvacilados] centenas de lojas de cristãos assírios. Os impostos *dhimmi* ordenados no Corão (suras 2,193; 8,39 e outras) para cristãos e judeus, *jizya*, estariam sendo introduzidos de novo; os negociantes cristãos os teriam de pagar, só por causa da sua fé diferente, adicionalmente aos seus outros impostos. Quem não cumprisse isso dentro de vinte-e-quatro horas, seria forçado a abandonar o lugar e transpassar a sua propriedade à “mesquita”.²

A irmã Hatune lembra nessa ocasião que ressentimentos anticristãos no Islame teriam uma longa pré-história. Já no Corão (sura 9,30) se diz: “E os nazarenos dizem: ‘O Messias é Filho de Aláh.’ ... Aláh, mata-os! Como são sem inteligência!”

Frequentemente, raptos moslêmicos raptam moças cristãs, exigindo da família um dinheiro resgate. A isso seja anotado que o rapto no Médio Oriente é praxe difundida para intimidação e arranjar dinheiro, a qual não só vale a cristãos. Também aqui, europeus relatam duma crueldade contra mulheres e moças dificilmente imaginável para europeus. A irmã Hatune relata entre outras coisas duma de 7 anos, a qual já desde anos fora sempre mais uma vez violentada. A seguir, ter-se-ia a menina “fendida na região genital”. A criança estaria gravemente traumatizada, reagindo ainda hoje, depois anos, “completamente flegmática”. As imagens da menina, que sentava de face sem expressão no seu colo, proferindo sons abafados e não estando em condições de se articular retamente, não saíam mais da cabeça, disse a freira jovem, que na Alemanha estudou teologia. Ela estaria “mesma traumatizada” por esses relatos. A freira relata dum padre caldeu, cuja mulher foi violentada diante dos seus olhos. O padre e pai de duas

crianças foi a seguir levado por raptos e abusado sexualmente. Parentes obtiveram setenta mil euros para resgatá-lo. Entretanto, a família podia fugir aos Estados Unidos.

Noutro caso, uma família cristã teria precisado pagar trinta mil euros para a liberação duma menina de 9 anos. Antes, a menina fora mantida presa e violentada cada dia. No total, a irmã Hatune teria falado com 202 meninas e mulheres jovens na idade entre 5 e 25 anos, cristãs do Iraque, que foram violadas por moslins militantes. Relatos sobre os feitos horríveis raramente chegaram ao ocidente. Embora oficiais das Nações Unidas na Síria fossem regularmente informados sobre isso, muitos colaboradores moslêmicos, porém, não quiseram passar em frente essas denúncias contra os seus irmãos de fé e prefeririam destruí-las.

Numerosas de tais histórias chegaram a serem conhecidas por relatos de cristãos fugidos ao exterior. Na Sexta Feira Santa de 2007, um menino de 14 anos foi pregado numa cruz em Bagdá e espetado com uma espada de baixo. Os circunstantes zombaram do moço crucificado: “Dizes que pertences a Jesus; então que ele venha e te salve.”

Outro moço de 14 anos teria sido crucificado no bairro Al-Basra de Bagdá.

Em fevereiro de 2007, uma iraquiana, mãe de 6 crianças, teria sido fuzilada em Bagdá, porque tivera coberto a sua cabeça só com um pano comum, não com o tchador moslêmico prescrito. O seu filho mais novo tinha só três meses. O pai já fora antes morto por moslins militantes. O Comissariado para refugiados das Nações Unidas UNHCR relate no março de 2007, que cristãos no Iraque não seriam mais seguros da sua vida: violências religiosamente motivadas continuariam aumentar. Daí, em cada mês, milhares de cristãos tentariam deixar o país, para escaparem das perseguições múltiplas. Segundo Roland Schönbauer de UNHCR-Áustria, a violência contra cristãos e suas Igrejas no Iraque teria aumentado de modo explosivo, o que desatasse um êxodo de cristãos orientais.

A situação está sendo agravada pela atitude da polícia iraquiana, a qual, assim Thomas Krapf, “colabora parcialmente com os perseguidores”. Segundo relato do jornal francês *Lê Monde* do 24 de março de 2008, entretantes “muito mais que a metade” dos cristãos iraquianos deixaram o país.³

O relato de *Lê Monde* assevera que até agora teriam vivido cerca de 700.000 cristãos no Iraque. Outras fontes supõem o número consideravelmente mais alto.

Nos expulsos trata-se de pertencentes as mais antigas comunidades cristãs como caldeus, adeptos de Igrejas assírias do oriente, cristãos sírio-ortodoxos, sírio-católicos, evangélicos ou de Igrejas livres. Segundo Krapf, também grupos muito raros, aliás desaparecidos pertenciam à minoria cristã no Iraque, p.ex. os assim chamados cristãos de João, dos quais nos tempos de Saddam tivesse ainda havido cerca de 35.000, hoje ainda haveria cerca de três mil. A perda cultural para a região, também para o Cristianismo no mundo, é enorme.

Entretantes, também cristãos no Médio Oriente, p.ex. no Líbano ou nas regiões palestineses, vivem sob pressão contínua. Casos de rapto de moças cristãs, também David Parsons relata dos “territórios”, p.ex. da Adeiana Sabat, 16 anos, de Belém.⁴ Uma instituição diretamente natural seria o recolher de dinheiro de proteção por gente da Hamas ou Fatah, que forçasse numerosos comerciantes cristãos a emigrarem. Já em 2003, a revista americana *Newsweek* relatou que a população cristã nos “territórios” tivesse encolhido a menos que 50.000. Ainda mais deprimentes são os números, que Parsons cita, do relato dos próprios serviços públicos palestineses: entre 1997 e 2002, o número dos ali viventes cristãos teria sido baixado a 25.000 (--). A maioria dos cristãos palestineses fugiu ao exterior, porque os funcionários de Arafat confiscam a sua terra ou cometem outras usurpações de sua propriedade e das suas famílias. Um comerciante cristão em Beit Sahur provou 34 casos de roubo de terra por executores das repartições públicas da Autonomia Palestinesa que lhe estavam conhecidos, muitas vezes sob pretextos ridículos, que quase sempre tivessem levado à emigração dos cristãos desapropriados. “Há intenção clara de islamizar Belém”, um porta-voz do patriarca latino em Jerusalém confirmou.⁵ Perante o jornal de Milão *Corriere della Sera*, o padre Pizzaballa, prior dos franciscanos que vivem na área palestinesa: “Quase cada dia, repito, cada dia a nossa congregação está sendo atacada por extremistas moslêmicos nas ‘regiões’ (...) Aconteceu que tais ataques estão sendo feitos pelos policiais de Mahmud Abbas, que propriamente existem para nos proteger.”⁶

Tais pronunciamentos são relativamente raros. Para prejuízo dos cristãos palestineses, os representantes oficiais das Igrejas comportam-se tampados na maioria dos casos, evitando palavra aberta. Para esse comportamento, David Parson tem uma explicação óbvia: “A explanação histórica para o silêncio dos líderes da Igreja árabe face à perseguição moslêmica está bem conhecida. Provém do longo, triste status na dhimmitude – mentalidade sobrevivelistas passada pelas gerações que as põe em

condições de dizer nunca coisa ruim alguma sobre os seus vizinhos moslêmicos – porque isso se poderia provar como mortal.”⁷

É difícil escrever sobre a perseguição dos cristãos no Médio Oriente, porque esse assunto jaz numa zona cinzenta da informação oficial. Nem no Iraque nem no Líbano ou nas regiões palestineses há investigações jornalísticas desimpedidas. O trabalho de jornalistas, gente de filme ou autores é muito perigoso e exposto à vigilância contínua. Sempre mais uma vez jornalistas são raptados ou mortos. A isso, a disposição a dar informações sobre os que vivem lá, até daqueles aos quais se dirige a perseguição, é fortemente impedida por medo de desforra. Uma fonte como a irmã Hatune recebe as suas informações e relatos de testemunhas oculares em países comparavelmente seguros como Jordânia, não no lugar da perseguição mesmo. Um autor como David Parsons da International Christian Embassy, que desde anos escreve sobre o assunto, vive na parte judaica de Jerusalém sob a proteção das armas judaicas. O publicista Thomas Krapf divulga os seus conhecimentos ganhos na região da relativamente segura Berlim. O americano Michael Finkel, que no dezembro de 2007 na revista National Geographic, publicou um relato pesquisado sobre os cristãos em Belém, mas só mais tarde publicado na sua pátria, evita pronunciamentos emocionais e a condenação aberta dos feitores. Para todos eles – e cada um interessado no assunto – seria impensável relatar diretamente do lugar do acontecimento.

A mídia europeia tem medo do assunto de perseguição a cristãos também por outras razões. Temem despertar tendências anti-islâmicas, primeiro nos seus países próprios, países europeus com milhões de cidadãos moslêmicos. Até hoje, a maioria dos grupos e associações islâmicos reagem hostilmente a qualquer reportagem crítica, mesmo sobre acontecimentos históricos – o melhor exemplo é a proibição que existe, alicerçada por medidas de direito penal, na Turquia, de se ocupar com o genocídio nos armênios de 1915. Uma palavra crítica pode talvez soltar reações pelo mundo inteiro, ligadas com novas violências moslêmicas. Várias vezes, filmes, relatos da mídia, uma frase numa alocução, até caricaturas ou outros pronunciamentos, segundo medidas europeias antes pessoais, provaram-se motivo para distúrbios políticos, protestos internacionais, complicações diplomáticas, etc.. Não só por causa do seu perigo próprio, pessoal jornalistas ocidentais têm receio desse assunto espinhoso, também por consideração do seu jornal, do seu magazine da sua emissora de televisão ou rádio. Como o ramo da profissão como um todo está sob observação de grupos islâmicos, forma-se entre as pessoas da mídia um consenso silencioso, de fazer todo o possível para não tocar em assuntos perigosos. Também razões econômicas jogam papel, os interesses de organizações e estados árabes e dos seus parceiros ocidentais. Frequentemente, notícias estão sendo simplesmente suprimidas.

Menos difícil é noticiar sobre a miséria de fugitivos dos cristãos iraquianos nos países vizinhos, ainda que também ali para jornalistas ocidentais que se ocuparem com o assunto muito incômodo para muitos moslins, impedimentos e observações contínuas vigoram. Na Jordânia, Síria e nos demais países islâmicos aos quais cristãos fogem, embora não se ameace a sua vida, as demais condições suas não são muito melhores que no próprio Iraque. Não há ajuda de estado para os fugitivos, também não há permissão para trabalhar. Vivem das economias que trouxeram do Iraque, até essas sejam consumidas, depois da prostituição das suas crianças menores. Uma família que não tem filhas manda os seus filhos a se prostituírem. Na Turquia, a irmã Hatune falou com uma menina de 13 anos, cujo pai fora morto no Iraque. A família compartilha um espaço numa cave sem canalização, em que ratos deslizam para cá e para lá. Depois de alguns meses, a família não tinha mais nada para comer. A mãe pediu a irmã de 15 anos que se prostituísse para arranjar dinheiro para a família. A de 15 anos tinha feridas de queimadura no corpo todo dos cigarros que os noivos exprimiram na pele nua. Pela intermediação de dinheiro de doações, a irmã Hatune conseguiu liberar essa e outras meninas da prostituição. Como está proibido a moslins tocar em mulheres moslêmicas alheias, eles se mantêm às prostitutas cristãs, “nas quais podem soltar o seu ódio de fé”. Na Síria, trinta bordéis novos teriam sido abertos nos últimos três anos, 99% das prostitutas são fugitivas cristãs do Iraque, as quais desse modo obtêm um sustento para as suas famílias. 5% na prostituição são masculinos, “porque as famílias não têm meninas que possam mandar à prostituição”.

No total, segundo informações de Thomas Krapf, dezessete por cento da população iraquiana, depois da caída de Saddam Hussein, teriam chegado a serem fugitivos de um ou outro modo, seja que fugiram ao exterior, seja que precisaram mudar de lugar dentro da região do estado iraquiano. Ter-se-ia de contar com centenas de milhares de fugitivos cristãos, que abandonam o seu ambiente, procurando um abrigo num país moslêmico vizinho ou noutro lugar no Iraque – tão longe como possível do lugar da

perseguição, talvez no norte curdo. Outras fontes cristãs indicam números ainda maiores: cerca de dois milhões de fugitivos iraquianos encontrar-se-iam na Síria, 750.000 na Jordânia, 100.000 no Egito, 15.000 na Turquia, cerca de 40.000 no Líbano. Antes da guerra do Iraque, assim a irmã Hatune, 13% dos iraquianos teriam sido cristãos, hoje por causa das perseguições ainda só 3%. Números afirmados pelo lado oficial, estatal não há. Observadores falam de que a guerra teria feito fugitivos vários milhões de iraquianos, iraquianos de todas as proveniências possíveis: moslins sunitas, que precisaram fugir de grupos xiitas terroristas, ou cristãos, que entraram no retículo de ambos. Nas mesquitas se pregaria: “O tempo da espada chegou acima dos cristãos.”

Como países liberados de regimes despóticos muitas vezes, o Iraque depois Saddam Hussein é primeiro um espaço livre de lei, no qual o cada vez mais forte dita a lei num determinado lugar, num determinado tempo, também o direito de moradia dos outros. Como agravante acrescenta-se que, depois do fim de Saddam, irrompem de novo os conflitos antigo-árabes de tribos e as aversões entre diversas etnias, que foram convertidos sob força. No Médio Oriente, tolerância era em todos os tempos uma grandeza desconhecida e o é, com a única exceção de Israel, até hoje. O instalar, a título de experiência, estruturas democráticas em estados árabes encontra a resistência das sociedades de homens islâmicas, que se apóiam em protecionismo de tribo, segregação e um código moral que o pesquisador britânico do Islame, Sir William Muir, pôs à formula curta: *honor and revenge*, honra e vingança (...). Mulheres não têm, nessa sociedade, nenhum direito a falar também. A constelação intra-social é tradicionalmente cunhada pelo desprezo do “outro” que não pertence ao próprio grupo, por razões racistas, religiosas ou outras. Aversões transmitidas entre grupos, tribos, estados geram uma atmosfera de medo permanente. A única colaboração dessas sociedades jaz na “comunidade dos fiéis” introduzida pelo Islame e a luta permanente mandada a essa comunidade contra os “infieis”. Onde essa luta dirigida para fora estiver sendo impedida, há perigo que desavenças internas dominem, sejam as rivalidades tribais nunca esquecidas, incompatibilidades étnicas ou divisões religiosamente motivadas dentro do Islame, como entre xiitas e sunitas.

Nesse campo de tensão, os cristãos do Médio Oriente vivem desde um e meio milênio, desde que há Islame. Ao lado dos judeus da região, pertenciam já muito tempo aos grupos populacionais estabelecidos, antes de tudo nas cidades e áreas de alta cultura agrícola, quando as tribos de beduínos, unidos por Maomé sob a bandeira do Islame alcançaram a predominância pela força. São, não “Estranhos”, nem “hospedes” nos países moslêmicos, mas sim efetivo mais antigo, em vários lugares a população original. Têm, como os judeus orientais, passaram por um e meio milênio de existência humilhante de *dhimmi* em países islâmicos, sob condições alternantes, de tolerância relativa sob califas pragmáticos até à perseguição cruel e massacres sangrentos em períodos de fanatismo moslêmico.

Mas só nestes dias parece que se consegue expulsá-los duradouramente da região. Precedente era a expulsão das minorias judaicas igualmente antigas do país da maioria dos países árabes e moslêmicos depois de 1948. Não se quis entender no leste por muito tempo que a expulsão dos judeus orientais de países da sua existência tradicional como Egito, Líbia, Síria ou Arábia Saudita era só o primeiro passo no processo duma islamização total. Aceitava-se que estados árabes e moslêmicos reivindicassem para si um privilégio que nunca se fosse conceder a nenhum país europeu: a “limpeza de judeus” das suas regiões estatais. Através disso, foram encorajados à expulsão dos cristãos, à “limpeza” dos seus países de todos de outra fé. Até hoje, a União Européia promove um “processo de paz entre Israel e os palestinianes”, o qual pressupõe a “evacuação” das colônias judaicas e a deportação dos judeus que vivem nas regiões palestinianas como *conditio sine qua non* [condição sem a qual não (vai)]. Conseqüência lógica duma “paz” tal é – como o destino dos cristãos palestinianes dede o convênio de Oslo o mostra – a expulsão da população cristã indígena das regiões transferidas à “Autoridade de Autonomia”.

Para ajudar realmente os cristãos no Médio Oriente, a política da União Européia se deveria mudar fundamentalmente. Esperar para tal coisa é que a necessidade urgente das pessoas atingidas não permite.

A irmã Hatune apresentou ao parlamento europeu na ocasião duma escuta em Bruxelas propostas práticas, p.ex. aquela de criar uma zona de proteção para os cristãos iraquianos no Iraque, a qual lhes permitisse a permanência ulterior no país.

Segundo, ela apela às nações européias que aceitem como asilantes cristãos iraquianos que já fugiram aos países vizinhos e vivem ali em condições indignas a pessoas humanas. Nos países moslêmicos vizinhos, os cristãos iraquianos não teriam proteção à vida, nem permissão a trabalhar, sendo considerados como ilegais. Todos os fugitivos que encontraram a freira até agora, teriam proferido o

desejo urgente de nunca mais precisar voltar ao Iraque, porque ali vivessem permanentemente sob ameaça. Pediram ser recebidos em países seguros, nos quais não fossem importunados por represálias islâmicas e precisassem vegetar sob condições indignas para pessoas humanas.

A Europa, entretanto mesma importunada por populações islâmicas crescentes, faria bem desenvolver o seu senso para solidariedade, pôr um sinal, ajudar ativamente. O destino dos cristãos iraquianos é augúrio para a Europa. Já faz tempo que há começos de discriminação de cristãos na própria Europa, naquelas regiões, bairros de cidades e lugares onde moslins já hoje apresentam a maioria. Preocupados, observadores registram o aumento de áreas *no-go* [não vá (lá!)] para cristãos e judeus no meio de áreas estaduais européias, por exemplo, Inglaterra.⁸

O ministro do interior alemão Schäuble propôs deixar entrar na Alemanha 30.000 cristãos iraquianos que fugiram a países islâmicos vizinhos, vivendo ali sob condições opressivas. Já um pouco mais tarde, o primeiro ministro iraquiano Al-Maliqi, na sua visita em Berlim, tentou a fazer desistir o governo federal duma ação tal de ajuda: para o futuro do seu país seria melhor se os cristãos – cuja maioria pertence à camada média formada – ficassem no país. Um desejo interesseiro, sem garantia nenhuma. Segurança ou proteção do terror islâmico é que o governo iraquiano não pode oferecer aos cristãos em tempo previsível.

Notas 1 a 8: no fim do texto alemão!

Texto alemão: <http://compass-infodienst.de/> > ONLINE-EXTRA Nr. 87 > Chaim Noll, *Menetekel für Europa*

Tradução: pv-werden@uol.com.br

7/1/2009